

Preço do petróleo – mistura explosiva

Paulo Jesus, TOC n.º 42 317

Em 2005 e 2006 o preço do barril de petróleo não parou de subir. A raiz deste aumento, que tem atingido recordes históricos, está intimamente relacionada com um aproveitamento especulativo derivado de dois fenómenos reais, que têm sido empolados em benefício de uns quantos. Alguns são perfeitamente identificáveis, como xeiques e outros senhores do ouro negro, grandes petrolíferas internacionais, intermediários e especuladores que negociam os preços do petróleo nos mercados mundiais.

O que está por detrás dos aumentos e serve de desculpa permanente é a tão propalada escassez do precioso líquido dentro de 20 a 30 anos, coadjuvado com o brutal aumento do consumo em dois países, resultado dos seus próprios crescimentos económicos: China e Índia.

O sistema de cartel em que vários países produtores estão estabelecidos (OPEP), leva a uma ineficiência dos preços, pois um cartel é um conjunto de “amigos”, essencialmente por interesse, que se juntam para combinar os preços através dos níveis de produção que pretendem disponibilizar ao mercado. Ao manipularem a quantidade de produção, tendo em conta os seus próprios interesses, podem ir contra as necessidades do mercado e, conseqüentemente, aumentarem de forma artificial os preços.

Outro factor que neste momento está em voga e justifica, pelo menos de forma interesseira, os aumentos do preço do petróleo, é a instabilidade política e social de alguns países produtores:

Nigéria – País dividido entre cristãos e muçulmanos, é um autêntico barril de pólvora. A corrupção grassa. É, no entanto, um importante produtor de petróleo.

Iraque – Neste velho país da Ásia, sucessor da orgulhosa Babilónia, a situação é de todos conhecida...

Irão – Este país, sucessor da antiga Pérsia, com o seu projecto nuclear está a criar um ambiente de ameaça, instabilidade e discórdia entre os povos.

Venezuela – Hugo Chavez é cabeça de cartaz. Anti-americano convicto, já chegou a ameaçar o corte do fornecimento de petróleo para o seu principal cliente, os Estados Unidos.

Rússia – Um país aparentemente estável, mas que não deixa de ser um gigante adormecido. Longe ainda da consolidação da democracia.

Arábia Saudita – Este é o principal produtor a nível mundial, aliado dos Estados Unidos, à custa dum família real déspota e sem qualquer apreço pelos direitos humanos...

O terceiro factor de instabilidade de preços diz respeito aos recursos tecnológicos aplicados na exploração do petróleo. Enquanto países como a Arábia Saudita, Iraque ou Irão têm petróleo “à mão de semear”, dirigentes riquíssimos e o povo a viver na mais indigna miséria, a Noruega é um exemplo claro da boa aplicação das receitas do petróleo, com uma política social que beneficia toda a população, esbatendo assim as diferenças de rendimento entre os seus cidadãos.

No entanto, a Noruega tem um senão. O custo da exploração de petróleo no Mar do Norte é extremamente caro, uma vez que o tão desejado produto só é encontrado a grandes profundidades, o que implica a utilização de recursos tecnológicos dispendiosos.

O quarto e último factor é a carga fiscal que incide sobre os produtos petrolíferos. Em média, por cada euro dispendido para “alimentar” a nossa viatura, 67 por cento segue direitinho para os cofres do Estado.

A economia vive da confiança de todas as pessoas que nela intervêm. Quando há um atentado, uma declaração irresponsável de um dirigente, uma ameaça no corte da produção, os agentes económicos ficam nervosos e os preços aumentam de imediato. O dinheiro desaparece das nossas carteiras e vai para o bolso de alguns.

Continuamos à espera de alternativas. ■

Em média, por cada euro dispendido para “alimentar” a nossa viatura, 67 por cento segue direitinho para os cofres do Estado.